



Padre Dan e a Multiplicação dos Pães

Lester Velie

A QUATRO MIL metros de altitude, nos Andes, às margens frias e ventosas do Lago Titicaca, a velha cidade de Puno, no Peru, deu recentemente um salto da sua pobreza e estagnação seculares para o século XX. Permitiu-o um milagre local.

Onde antes se erguiam choças de barro e chão de terra batida brota-

Um padre resoluto e um grupo de aborígenes andinos provam como no mundo inteiro as "pessoas obscuras" podem elevar-se

ram centenas de casas, muitas delas com água encanada e chuveiro de água quente. Onde 35.000 habitantes dispunham unicamente de per-

nas para andar, correm hoje ônibus e táxis. A cidade dispõe de padaria com forno elétrico, estação de rádio e, nas suas cercanias, de instalações para acondicionamento de produtos congelados. Lojas exibem bicicletas, máquinas de costura e refrigeradores. E índios, outrora descalços e analfabetos, se revelaram os criadores dos seus próprios recursos.

Quem insuflou êsse ânimo de vida em Puno é um homem magro, contador de histórias terrenas nos dialetos andinos dos índios aimarás e quíchuas. É apreciador de touradas, e êle próprio já andou toreando bastante. Conhecido como Padre Dan, seu nome cerimonioso é Rev. Daniel McClellan, missionário dos Padres de Maryknoll.

Quando Padre Dan chegou a Puno, seus paroquianos, dos quais poucos punham os olhos em mais de Cr\$ 1.500,00 por mês, mal subsistiam. Era quase nada, ou mesmo nada, o que podiam poupar para as emergências: uma conta de médico, despesas de um funeral, ou mesmo telhas para um nôvo telhado. Os bancos não concediam empréstimos para as necessidades pessoais. De fato, em todos os 135 quilômetros entre Puno e a fronteira boliviana não havia um banco onde 300.000 lavradores e aldeões autóctones pudessem

depositar ou sacar dinheiro. Em crise de moeda, voltavam-se para os agiotas, chegando a pagar 50% de juros ao mês. Como é que Padre Dan podia falar ao coração dessas criaturas, estando o espírito delas atormentado por dívidas e o corpo sujeito a privações?

Além de tudo isso, Puno era a enteada desprezada típica do sistema da América Latina, que drena a riqueza do interior de cada país para a sua capital, onde todo o govêrno é centralizado. Precisava-se calçar uma rua? O pedido de providência tinha de percorrer 800 quilômetros e atravessar duas cordilheiras, até chegar a Lima—onde ficava, acumulando pó, sôbre a escrivaninha de um ministério. As escolas precisavam de

Estas ilustrações, feitas de fotografias, mostram uma casa improvisada de uma família de índios peruanos empobrecidos, e na página ao lado uma cena de rua na cidade de Puno como é hoje, com habitações melhoradas e modernizadas



carteiras? O dinheiro escoava tão lento de Lima que as crianças sentavam-se sobre pedras, à guisa de bancos escolares. Ainda que as pessoas quisessem fazer algo por si mesmas, ou pela sua cidade, não havia dinheiro com que fazê-lo.

Padre Dan criou êsse dinheiro como o alimento foi criado no milagre dos pães e dos peixes—a bem dizer do nada. Convocou à casa paroquial dois operários, um juiz, um empregado de escritório, dois médicos e um membro da Polícia Nacional.

—O que o povo aqui de Puno precisa—disse Padre Dan—é de dinheiro emprestado, dinheiro produtivo.

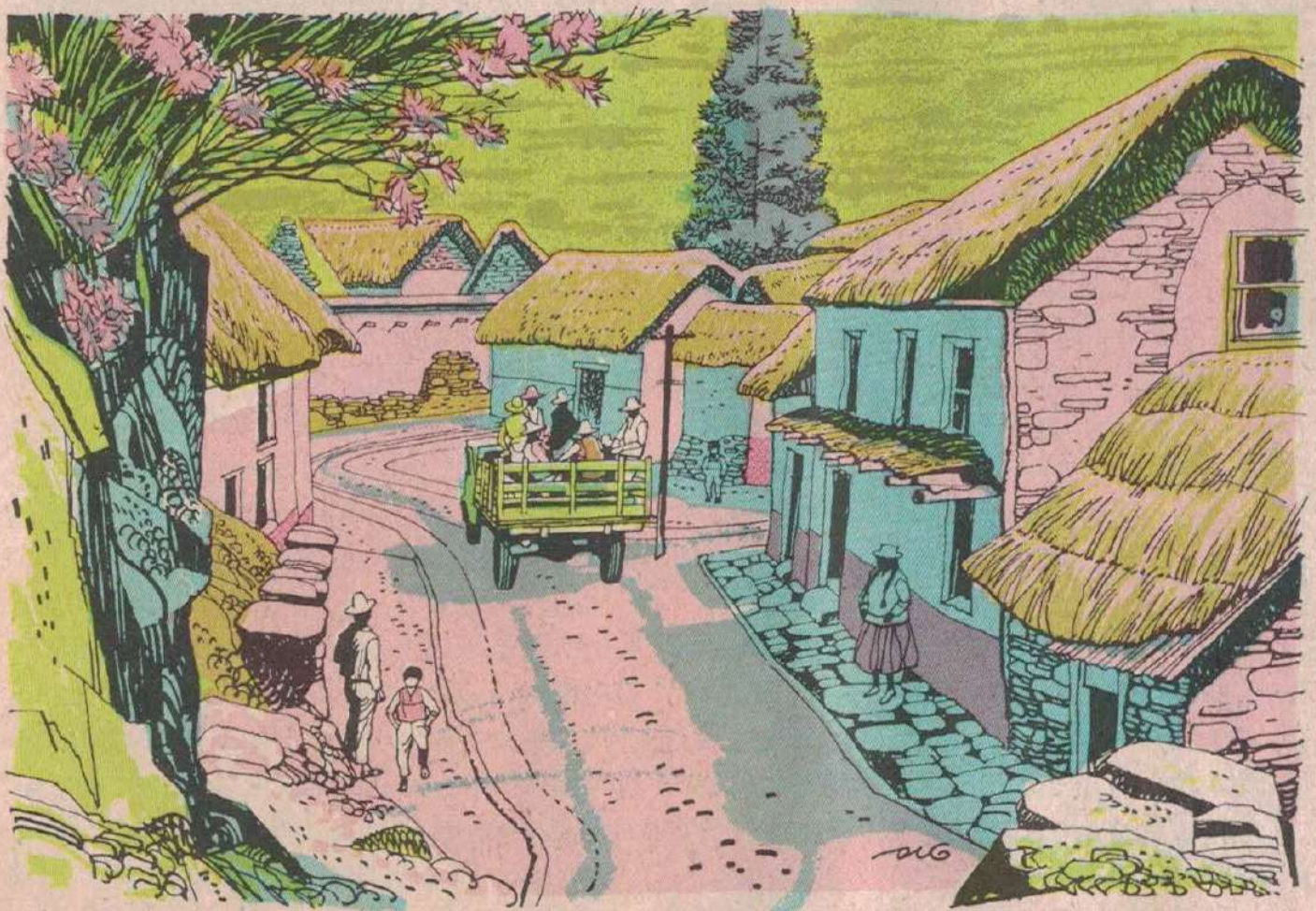
As fisionomias que o contemplavam mostraram-se decepcionadas. Aquilo não era novidade.

—E vou dizer como arranjá-lo. As fisionomias iluminaram-se.

—Vejam! Vou mostrar-lhes como.

Padre Dan tirou do bôlso um sol de cobre (cêrca de oito cruzeiros).

—Por si mesmo, no meu bôlso, êste sol não pode fazer quase nada. Mas suponhamos que uns 100 cidadãos como nós ponham cada qual cinco soles numa reserva comum, e façam isso tôda semana, durante um ano. Estão percebendo? O punhado de soles se transformaria num total de 26.000 soles (cêrca de 200.000 cruzeiros), e estariam transformados de dinheiro improdutivo em dinheiro produtivo, pois poderia ser emprestado. E, à medida que voltassem as quantias mutuadas, com as prestações mensais, o capital para em-



préstimo se multiplicaria. Poderíamos emprestar até três vezes tanto quanto houvéssimos economizado, digamos, uns 600.000 cruzeiros ao todo!

Aconteceu que o padre passara noites em claro estudando como organizar uma cooperativa de crédito. Graças a cooperativas dêsse molde, observou êle, na Europa Ocidental, nos Estados Unidos da América e em outros lugares, uns 15 milhões de homens e mulheres se haviam associado em suas fábricas, em seus escritórios, nas aldeias e igrejas, para economizarem dinheiro coletivamente e emprestá-lo uns aos outros.

—Mas isso é na Europa e na América do Norte, que são ricos—protestou um dos que ouviam a exposição do padre.—Duvido que algum dos nossos desconfiados aldeões entregue os seus poucos soles a alguém! E duvido que alguém pague o que tomou emprestado!

Padre Dan argumentou no sentido de eliminar essas dúvidas. Vinte e três cidadãos de Puno cotizaram-se, arranjando 603 soles (aproximadamente 5.000 cruzeiros) para capital inicial de uma cooperativa de crédito. Hoje, passados seis anos, ela é a maior da América do Sul. Nesse banco que, por assim dizer, se ergueu com esforço próprio, uns 4.000 habitantes de Puno acumularam uma média de quase 2.000 cruzeiros cada um, capital de que já fluíram empréstimos num montante de quase dez milhões de cruzeiros.

Na cooperativa de crédito o Padre Dan encontrou um meio rápido de elevar os padrões de vida num país pouco desenvolvido, e de dar esperança ao povo até que a reforma agrária e a industrialização venham em seu auxílio. Descobriu êle uma forma de assistência proporcionada pelos próprios assistidos, que não fere o amor-próprio de ninguém e prepara os administradores e aplicadores de capitais para uma sociedade moderna e livre. E, acima de tudo, ensinou o povo a resolver os seus problemas numa base coletiva.

Um dos primeiros solicitantes de empréstimos a apresentar-se à cooperativa de crédito de Puno foi um sujeito maltrapilho, cujos ombros caídos e rosto vincado pelas preocupações revelavam um homem vencido. A sua história, contada no dialeto quíchua de seus antepassados incas, era a de todos. Êle pedira a um agiota 300 soles emprestados, para enterrar o pai. À taxa de 30% ao mês, êle já pagara três vezes a quantia do empréstimo; no entanto, estava tão longe de amortizar o capital quanto estivera um ano antes, ao obter o empréstimo.

A comissão de empréstimos da recém-criada cooperativa de crédito—composta de um secretário, um funcionário público e um operário—examinou com o Padre Dan a situação do proponente. Fôra êle um dos primeiros a filiar-se à cooperativa, contribuindo com 30 soles de economias penosamente acumuladas. Os vizinhos o respeitavam. A comissão



Impermeável como
nenhum outro!

NOVO KURATIVO YORK

O Primeiro e Único curativo no mundo com **TECIDO PLASTICIZADO!** O que quer dizer: as vantagens do tecido conjugadas com as do plástico, tornam o novo Kurativo York impermeável como nenhum outro!

Adere com firmeza - protege mais! O Tecido Plasticizado do Kurativo York tem extraordinária flexibilidade! Nunca deforma, mesmo quando usado em alguma junta, protegendo o ferimento com absoluta segurança! E seu Kurativo York contém Tirotricina que evita infecções e facilita a cicatrização.

Em 2 tamanhos: **NORMAL e MIRIM** (para cortes bem pequenos). Mais uma vitória brasileira no campo de produtos cirúrgicos!

concedeu-lhe um empréstimo para que êle resgatasse a dívida com o agiota. E agora, em vez de pagar 360% ao ano, êle saldaria o débito com juros cuja taxa não excederia de 6% ao ano.

Mariano Cruz Rojas, pastor de ovelhas de 18 anos, andou 14 quilômetros a pé, usando alpargatas de sola de pneus velhos de automóveis, a fim de solicitar empréstimo. Com o seu poncho franjado e as suas calças de pano tecido em casa, remendadas, falando unicamente o aimará, dir-se-ia ser apenas um índio analfabeto como os outros. Porém seus olhos tinham um brilho de inteligência, e êle tivera uma idéia. Se obtivesse um empréstimo de 5.000 cruzeiros poderia adquirir sementes de cebolas e vendê-las ao povo de sua aldeia. Concederam-lhe o empréstimo.

Daí a um mês o jovem Mariano estava de volta. Vendera as suas sementes e estava em condições de resgatar a dívida. Agora queria levantar 8.000 cruzeiros para nova compra. Quando voltou para pagar êste segundo empréstimo, veio calçando sapatos. Nas visitas subsequentes para novos resgates exibiu um terno, depois camisa e gravata. Ao fim de um ano solicitava os seus empréstimos falando em espanhol. Aprendeu a ler e escrever, e em breve ensinava os outros, na sua aldeia. Hoje, com o produto de empréstimos obtidos na cooperativa de crédito, Mariano Cruz Rojas montou um armazém de materiais agrícolas onde

emprega dois vendedores. Não fosse a cooperativa, êle continuaria sendo um pegureiro.

Notícias da existência da cooperativa de crédito do Padre Dan chegaram à longínqua Madison, no Wisconsin, sede da organização internacional denominada Credit Union National Association (Associação Nacional de Cooperativas de Crédito). A CUNA (sigla dessa entidade) tinha interêsse na propagação das cooperativas de crédito através da América Latina, e, assim sendo, despachou um dos seus técnicos para o Peru.

Dispensado dos seus encargos paroquiais para dedicar-se inteiramente às cooperativas de crédito, Padre Dan dirigiu-se a Lima. Ali, pôde observar o costumeiro contraste da América Latina—grandes fortunas lado a lado com a extrema miséria. Imponentes bancos, cuja grandeza advém da riqueza produzida pela agricultura e pela mineração, porém sugada para a capital, pontilhavam o centro da cidade. Arranha-céus e luxuosos edifícios de apartamentos, além de um bairro residencial com belas casas, davam-lhe uma aparência moderna. No entanto, circundando tudo isso, como um soturno exército a sitiar a cidade, moravam uns 350.000 dos trabalhadores de Lima e dos componentes da sua classe média inferior—motoristas de táxis, carregadores, garçons—acampanados em barracos de zinco enferrujado, muitos dêles sem telhado, sem água, sem luz, e cheios de doença.

*-tranquilidade
para a mamãe...*

MELHORAL INFANTIL



*combate a dor
e o resfriado,
baixa a febre
e reanima
a criança*

Fórmula especial - Criado para o delicado organismo da criança, Melhoral Infantil tem um sabor delicioso, levemente adoçado, bem ao gosto de todas as crianças.

Dose certa - Já vem no tamanho e na dose exata para a idade de seu filhinho. Não precisa partir o comprimido. Pode ser dado com água ou com a comida.

*Tenha sempre em casa
uma caixinha de*



Melhoral

(USO INFANTIL)

Nessa floresta humana aparentemente desesperada, entre operários fabris, biscateiros e trabalhadores em geral, quase todos analfabetos, Padre Dan encontrou o material humano para a diretoria e a tesouraria das cooperativas de crédito. Havia membros que só podiam economizar um sol por semana. Contudo, os pequenos bolos de capital ajudavam motoristas de táxi a repararem seus velhos carros sem caírem nas mãos dos argentários. Famílias pediam empréstimos para comprar livros, roupas e sapatos para os filhos, no início do ano letivo.

Partindo da desolação das favelas, Padre Dan difundiu as cooperativas de crédito entre bancários, oficiais da marinha, repórteres, advogados. Quinze jovens diretores de empresas de Lima constituíram a sua própria cooperativa de crédito, a fim de aprenderem a organizá-las entre os seus assalariados. Um fabricante de tecidos criou uma delas para os seus empregados, para que pudessem obter empréstimos e comprar ações da própria companhia.

Os comunistas combateram as cooperativas de crédito. Sustentavam êles que os operários que solucionavam os seus problemas financeiros mediante aquêle sistema de ajuda a si mesmos reduziam a pressão sôbre o empregador. Vendo que o argumento não surtia efeito, tentaram assumir o contrôle das cooperativas—mas em vão.

Como as cooperativas de crédito se desenvolviam, fundou-se uma fe-

deração nacional de cooperativas. Com dinheiro oferecido pelos comerciantes e banqueiros, que de sua parte não propiciavam quaisquer transações bancárias ao povo, Padre Dan instalou uma chefia para a federação, integrada por cinco jovens peruanos dedicados.

Com dinheiro emprestado, Padre Dan comprou um automóvel e começou a viajar até aos confins da Cordilheira dos Andes, no território peruano, percorrendo seu litoral deserto e seu jângal a fim de organizar cooperativas de créditos, assessorá-las na sua vida contábil, alimentá-las. Em dois anos dessas andanças êle levantou poeira nuns 88.500 quilômetros de estradas rústicas. Aonde o automóvel não podia levá-lo, êle ia em gaiola ou de avião.

Padre Dan criou também um centro de iniciação em cooperativas de crédito na Universidade de São Marcos, em Lima, para onde eram encaminhados os futuros administradores. Viajou até La Paz, na Bolívia, para instalar ali seis cooperativas de crédito experimentais. A Venezuela custeou parte das despesas com a instalação de um escritório interamericano onde os colaboradores de Padre Dan realizaram a maioria das suas conferências.

Em fins de 1960 contava o padre com mais de 200 cooperativas de créditos no Peru. Novas cooperativas estavam sendo criadas, à razão de três por semana. Padre Dan fundou também uma cooperativa de crédito para o consumidor, a fim de possibi-

litar aumentos de capital, que atualmente rivaliza com alguns dos grandes bancos, pelos seus recursos, e sonha com empreitadas ainda maiores. Se um milhão de peruanos economizassem apenas um sol por dia, seriam aproximadamente nove bilhões de cruzeiros em dinheiro para aplicação, por ano—num país que antes não dispunha de nenhum. E isso pode também ser conseguido em outros países da América Latina.

Puno é hoje um exemplo do que se pode fazer. A cidade adquiriu o seu primeiro aparelho de raio X quando a cooperativa de crédito emprestou 600.000 cruzeiros a um médico. O seu primeiro equipamento dentário moderno foi obtido com igual recurso, assim como o seu primeiro ônibus. O número de caminhões e automóveis nas ruas de Puno dobrou. Cumulando tudo isso, 700 empréstimos para construções feitos pela cooperativa de crédito importaram em que agora, pela primeira vez, muitas famílias moram em ca-

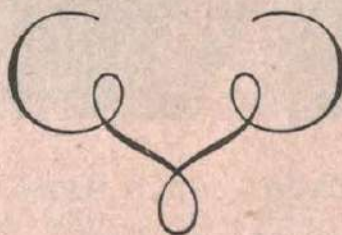
sas soalhadas e com água encanada.

Há pouco, quando os cidadãos de Puno homenagearam Padre Dan com um almôço, destacado comunista peruano, recém-chegado de uma visita sem despesas à China Vermelha, exortou os habitantes a “romperem com o seu passado cultural” e a verem no comunismo “o verdadeiro caminho do progresso”.

Na ausência de Padre Dan, um missionário, seu companheiro, agradeceu por êle. “Os comunistas fazem promessas”, disse o orador. “O Padre Dan realiza!”

“No mundo inteiro nosso destino está nas mãos das pessoas obscuras”, disse Padre Dan. “Elas representam a diferença entre a liberdade que amamos e a vida de escravidão que outros nos imporiam.”

O que principiou como um programa de auxílio proporcionado por um só homem, numa cidadezinha remota, encerrada entre montanhas, desabrochou numa fôrça de manifestação importância na guerra fria.



É A CAPACIDADE de tomar parte em conversas, e não a capacidade de raciocinar de maneira coerente, que distingue o ser humano do animal e o homem civilizado do bárbaro.

Na verdade, não parece improvável que tenha sido a participação em conversas o que nos deu nossa aparência atual; tendo o homem descendido de uma raça de macacos que ficavam tanto tempo e até tão tarde sentados, conversando, que gastaram a cauda.

—Michael Oakeshott, *The Voice of Poetry in the Conversation of Mankind* (Bowes, ed.)